

## **Desinformação e moralismo na era digital: narrativas sobre saúde sexual e reprodutiva das mulheres<sup>1</sup>**

Carolina Ofranti SAMPAIO<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **RESUMO**

O trabalho apresentado é uma pesquisa de doutorado que busca fazer uma relação da desinformação na ciência com o moralismo presente na cultura patriarcal atual. Tendo como pano de fundo a era digital, o objeto de pesquisa são os tweets sobre as políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** desinformação; saúde sexual e reprodutiva; gênero; patriarcado.

### **CORPO DO TEXTO**

A saúde sexual e reprodutiva feminina sempre foi um tema carregado de preconceitos, tabus e violências, silenciosas e explícitas, direcionadas às mulheres. Isso pois, quando adicionamos o conceito de gênero nas discussões de saúde precisamos também entender as dimensões política e social das decisões relacionadas ao corpo feminino.

Para a socióloga marxista Heleieth Saffioti, enquanto gênero é uma categoria geral, o patriarcado é uma categoria específica. Ele é um regime de exploração das mulheres pelos homens, uma forma de expressão do poder político masculino, intrínseco na sociedade. Essa estrutura patriarcal não só está presente no âmbito privado como também no público, assim sendo, “do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contamina toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado” (SAFFIOTI, 2004, p. 57). Como as mulheres raramente estão em posições de poder governamental, muitas das decisões que implicam na vida geral da população feminina, inclusive a sua saúde, são feitas por homens, fazendo com que políticas de valorização e proteção à

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Desinformação no Ecosistema Midiático, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, e-mail: [carolinaofranti@gmail.com](mailto:carolinaofranti@gmail.com).

mulher não tenham destaque ou sejam classificadas como não prioritárias nos debates públicos, como a criminalização do aborto ou o acesso gratuito a métodos contraceptivos.

Butler entende que “se o ‘corpo é uma situação’, como afirma [BEAUVOIR], não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (2018, p. 29). Dessa forma, ele exerce um papel social previamente estipulado, por meio das mídias contemporâneas e da perpetuação da cultura do estupro (BROWNMILLER, 1975), naturalizando a ideia de uma mulher ideal, passiva, feminina e dócil (FOUCAULT, 1975), permitindo que a sociedade acredite ter direito de opinar sobre o seu corpo, atitudes e decisões.

Quando adicionamos a esfera digital na construção de uma sociedade percebemos que as hierarquias e poderes simbólicos são fortemente reforçados. Segundo Brittos,

A oferta pública de sentidos hoje se dá essencialmente através dos meios de comunicação, de forma que o grande teatro social da atualidade se desenvolve nos marcos da mídia, o que por sua vez, implica relações (assimétricas) de poder, ante processos industriais de criação, produção, distribuição e consumo que cada vez mais atingem o campo da comunicação, demarcando-o profundamente. Identifica-se mídia como um lugar de acesso à realidade tão precário quanto indispensável” (2010, p. 3)

Brittos discorre que a mídia é considerada um local de acesso precário, pois sua construção da realidade, ainda que se assemelhe ao real, não é real. Quando apresentado os fatos e construída a realidade, a deformação e supressão de informação acontecerão, pois ainda assim será uma construção dos fatos, não o fato.

A mídia, então, é ideológica, ela ilumina como também obscurece focos de debate para a construção dos fatos. Ela dá a ilusão de que a audiência é protagonista a partir do momento que informados com uma retórica imagética, repetitiva, simultânea e simples dos episódios rotineiros. Deste modo, no seu extrato digital, percebemos como as “redes sociais” tendem a criar bolhas ideológicas (SILVA, SAMPAIO, BRAGATO, 2016) e incentivar a permanência da sua audiência dentro desta bolha. Assim, o algoritmo sistematiza conteúdos que são similares entre usuários, oferecendo conteúdos que reforçam suas crenças e fazendo com que os mesmos continuem na plataforma por mais tempo, e assim tenham a sua atenção retida, moeda de troca tão importante na era dos dados.

Dessa forma, a apropriação massiva das ferramentas midiáticas tendenciosamente virtualiza nossas relações para a criação de um espelho da realidade que vivemos, produzindo uma reflexividade institucional (SODRÉ, 2006). Assim, diferente da sociedade da informação, que o conhecimento era matéria-prima, na pós-verdade a desinformação ocupa protagonismo, onde a audiência busca se agarrar a crenças equivocadas para não quebrar o espelho da sua realidade.

Ao percebermos que são necessariamente as relações de poder que determinam a forma com que o discurso é articulado, entendemos que também nas plataformas digitais grupos sociais são fortalecidos em detrimento a outros. Isso se dá pela forma como tais plataformas regulam suas interações, uma discussão política governamental que está em voga na atualidade, como exemplificou Christiana Freitas ao dizer que “as redes de participação política digital são social e politicamente construídas e, dependendo do contexto histórico, avanços democráticos serão fomentados ou limitados” (2016, p.120).

Quando analisamos sob uma ótica de gênero, o papel do discurso de poder nos meios de comunicação também perpassa o conceito de *backlash*, um contra-ataque às conquistas femininas. A partir dos anos 80, quando o contra-ataque feminista ganhou força na imprensa, a aparência física das mulheres que buscavam independência pessoal e financeira passou a ser associada às imagens de mulheres carrancudas, com semblantes infelizes ou raivosos (FALUDI, 2001). Esse enclausuramento da mulher entorno de padrões docilizados também é presente quando falamos sobre conquistas feministas relacionadas a sua saúde sexual e reprodutiva, isso pois uma das formas de dominação exercida pelo patriarcado é o controle sexual.

Tornar o corpo de uma mulher alvo de controle externo e silenciar sua sexualidade é uma de tantas expressões que auxiliam a invalidá-las. Dito isso, o artigo apresentado busca realizar um estudo sobre a desinformação nas mídias digitais atrelada a uma cultura patriarcal, de domínio do corpo feminino.

Assim, relacionando a construção de uma sociedade baseada no compartilhamento de informações que corroboram com suas crenças, a pesquisa apresentada busca perceber a moralidade na construção do discurso de desinformação, objetivando responder a seguinte pergunta: quais foram as narrativas de desinformação utilizadas no twitter para

defender o Projeto de Lei 1.904/2024, que prevê a criminalização do aborto legal acima da 22ª semana de gestação? Tais discursos perpetuam uma cultura patriarcal de controle do copo feminino?

Para isso, iremos analisar os tweets de contas públicas que utilizam a hashtag #PL1904, durante o período de um mês a partir da sua apresentação na câmara dos deputados, 17 de maio de 2024<sup>1</sup>. A pesquisa se dará a partir da aplicação da metodologia *ex-post facto* (FONSECA, 2002), também conhecida como pesquisa de efeito retrospectivo, uma abordagem que se baseia na análise de eventos ou fenômenos que ocorreram no passado. Neste contexto, ela será empregada como a principal metodologia para investigar as narrativas de desinformação relacionadas ao Projeto de Lei 1.904, um mês em retrocesso. Ao contrário dos estudos experimentais convencionais, nos quais o pesquisador manipula variáveis independentes, esta metodologia de pesquisa observa eventos que ocorreram de forma natural, sem interferência direta. Proporcionando uma perspectiva para compreender a evolução das narrativas ao longo do tempo e permitindo uma análise retrospectiva robusta.

Após a coleta das publicações do Twitter, a metodologia de Análise de Conteúdo será empregada para a avaliação do conteúdo. De acordo com Bardin (1977, p. 42), trata-se de uma metodologia em que se aplica um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. [1945]

---

<sup>1</sup> Para o trabalho apresentado, a análise se dará apenas durante este primeiro mês de debate público sobre o Projeto de Lei. Mas o projeto pretende se estender até o fim da votação da pauta.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRITTOS, Valério Cruz. **Midiatização e produção tecnológico-simbólica no campo do capitalismo contemporâneo**. In: MORAES, Dênis. *Mutações do visível*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

BROWNMILLER, Susan. **Against Our Will: Men, Women and Rape**. New York: Open Road Integrated Media, 1975.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FALUDI, Susan. **Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada às mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FREITAS, Christiana Soares. **Mecanismos de dominação simbólica nas redes de participação política digital**. In: SILVA, Sivaldo Pereira. BRAGATTO, Rachel Callai.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** [ed. orig. 1979]. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

HALL, Stuart. **A ideologia e a teoria da comunicação**. In: *Matrizes V.10 - Nº 3 set/dez*. São Paulo, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.11.606/issn.1982-8160.v10.i3p.3346>

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA GM et al. **Desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública: das fake news à hesitação vacinal**. In: *Ciência coletiva* [Internet]. 2023: 739–48. <<https://doi.org/10.1590/1413-81232023283.09862022>>